

HIPOTIPOSE E DESLUMBRAMENTO

Luana Ferreira de Freitas¹
Michel Emmanuel Félix François¹
¹Universidade Federal do Ceará

Resumo: O artigo abaixo tem como objetivo comentar a tradução proposta de fragmentos de *The Sea and the Jungle*, de Henry Major Tomlinson, lançado em 1912, bem como as estratégias de tradução propostas. O texto de Tomlinson foi escolhido pelo seu caráter poético, sobretudo pelo emprego de figuras de linguagem, tais como, a metáfora, a aliteração e a hipotipose. Escolhemos para o comentário que se segue apresentar três fragmentos com exemplos representativos de hipotipose, as traduções que propusemos e uma breve análise a respeito da descrição como pintura, colocações inusitadas e apelo sensorial, características do processo de formação da hipotipose empregadas pelo autor.

Palavras-chave: *The Sea and the Jungle*; Literatura de viagem; Tradução comentada; Hipotipose

HYPOTYPOSIS AND WONDER

Abstract: The purpose of the following article is to comment on the proposed translation of fragments of *The Sea and the Jungle* by Henry Major Tomlinson, published in 1912, as well as the proposed translation strategies. Tomlinson's text was chosen because of its poetic nature, especially its use of figures of speech such as metaphor, alliteration, and hypotyposis. For the following commentary, we have chosen to present three fragments with representative examples of hypotyposis, the translations we have proposed, and a brief analysis of description as painting, unusual collocations, and sensory appeal, characteristics of the hypotyposis formation process employed by the author.

Keywords: *The Sea and the Jungle*; Travel literature; Translation with commentaries; Hypotyposis



BY

*Estas coisas, que não vistas com os olhos,
podeis perceber com a alma.*¹

Para este terceiro volume da coleção *Traduzindo a Amazônia*², escolhemos fazer a tradução comentada de *The Sea and the Jungle*, de Henry Major Tomlinson, lançado em 1912. Tomlinson era um jornalista inglês que escreveu 38 textos entre ensaios e livros entre os quais, além de literatura de viagem, escreveu também ficção. Escolhemos um fragmento, da página 99 à página 113, do capítulo II, que se deu pelas descrições vívidas que Tomlinson faz da Amazônia, desde a sua chegada. A edição escolhida foi a de 1982, da Time-Life Books, por causa de dois dos seus paratextos: um prefácio dos editores, sem menção aos seus nomes, e uma introdução de V. S. Pritchett.

O prefácio assinado pelos editores trata do autor, da viagem e da narrativa em si. Fica claro que foi feita uma leitura cuidadosa do texto, pois chamam a atenção para aspectos estilísticos da escrita de Tomlinson, tais como, o fato de o autor só registrar o que o agrada e o que o desagrada, seus preconceitos explícitos e suas descrições, objeto deste comentário.

A introdução assinada por Pritchett é bastante pessoal, uma vez que era conhecido do autor. Além de vários detalhes da vida de Tomlinson, o texto apresenta o contexto que levou o autor à viagem para a Amazônia, o trajeto e cita a influência do escritor Joseph Conrad e do explorador William Bates na sua prosa. Pritchett passa então a tratar da narrativa de viagem em si: paisagens, pessoas, vegetação, rios, animais, doenças, sobretudo da febre amarela.

Quando pensamos em literatura de viagem na Amazônia até o século XIX, início do XX, uma das questões que vêm à mente são as versões subjetivas e fantasiosas da região, desde os relatos

¹ Cícero *apud* Rodolpho (2010, p. 92).

² Para conferir o volume I de *Traduzindo a Amazônia*, ver Guerini, Torres e Fernandes (2021) e, para o volume II, Guerini, Torres e Fernandes (2022).

da expedição de Orellana³ em que o contraponto com uma Europa civilizada fica evidente. No nosso caso e ponto de vista, um dos aspectos mais interessantes quando se traduz um viajante europeu de séculos passados é ver como o autor “inventou” uma Amazônia para o seu leitor. Gondim em *A invenção da Amazônia* pergunta:

Então, de que maneira o olhar do habitante do Velho Mundo veria o Novo se entre os dois ainda persistia a crença na inabitabilidade da zona tórrida, da inexistência de uma raça única com suas variáveis culturais e étnicas, fauna não embarcada na Arca de Noé, flora não alagada no dilúvio, rios jamais citados na Bíblia? (Gondim, 2007, p. 37).

E mais adiante diz: “O novo é filtrado pelo antigo assegurando a este sua supremacia. A prática de comparar as novidades vistas pela primeira vez com algo pretensamente conhecido, sendo domesticado, fortalecerá e documentará a estabilidade do antigo” (Gondim, 2007, p. 38).

Tomlinson não foge à regra: seu relato compara vegetação, população, paisagem, costumes. Cabe acrescentar que suas observações sobre a população local e os costumes não têm nenhum compromisso antropológico e são carregadas com o mesmo preconceito⁴ que vimos nos dois textos traduzidos nos números anteriores (Freitas & Nascimento, 2021; Freitas & François, 2022). Contudo, há duas questões que chamam a atenção no texto se comparadas às traduções anteriores: a representação perversa da mulher, ora sexualizando a mulher mestiça, ora a desprezando, e a acusação de roubo como um costume comum no Pará. Alguns exemplos ilustram o que queremos demonstrar:

³ Francisco de Orellana e Frei Gaspar de Carvajal forma os primeiros a descer o rio Amazonas, do Peru ao Pará, em 1542.

⁴ Por exemplo: “The evident pride and hauteur, too, of these Latins, was a surprise to one of a stronger race” (Tomlinson, 1982, p. 105).

Mas as mulheres eram, frequentemente, criaturas muito vistosas, certamente com movimentos cadenciados, porém não apáticas, e bem-feitas com suas curvas admiráveis. Geralmente eram de uma cor mais rica do que a de seus companheiros, e moviam-se como se seu sangue fosse de um temperamento mais agitado. Tinham olhos lentos e atrevidos. Do indígena herdaram o cabelo preto e a pele morena, do negro a silhueta e do português a fisionomia e os olhos⁵. (Tomlinson, 1982, p. 104).

Nesse caso desprezando as mulheres negras “Havia uma negra enorme, com as mãos na cintura, um monumento disforme de látex natural negro coberta por uma estampa de algodão, que falava bem alto, com sua boca vermelha desdentada⁶” (Tomlinson, 1982, p. 106).

E, finalmente, a acusação de roubo associada à astúcia:

E o oficial, encarregado de inspecionar o “Capella” enquanto ali permanecêssemos, era um latino alto e majestoso, com olhos escuros de tal nobreza e inquietante melancolia que nunca me ocorreu que nosso médico, que era viajado, não passasse de uma pessoa com uma mente anglo-saxônica obtusa, quando levou alguns pertences para sua cabine e trancou a porta antes de desembarcar. Então deixei meu binóculo em cima da caixa de gelo; e foi essa a última vez que o vi⁷. (Tomlinson, 1982, p. 102).

⁵ Em inglês: “But the women often were very showy creatures, certainly indolent in movement, but not listless, and built in notable curves. They were usually of a richer colour than their mates, and moved as though their blood were of a quicker temper. They had slow and insolent eyes. The Indian has given them the black hair and brown skin, the negro the figure, and Portugal their features and eyes” (Tomlinson, 1982, p. 104).

⁶ Em inglês: “There was a huge negress, arms akimbo, a shapeless monument in black indiarubber draped in cotton print, who talked loudly with a red boneless mouth” (Tomlinson, 1982, p. 106).

⁷ Em inglês: “The official who was left in charge to overlook the ‘Capella’ while we remained was a tall and majestic Latin with dark eyes of such nobility and

Infelizmente, como se pode ver nos trechos acima, esses viajantes não inventaram apenas a Amazônia, inventaram os brasileiros também. Cabe citar que Tomlinson não menciona ter visto quem pegou o binóculo, apenas afirma ter sido o cidadão brasileiro.

Tradução e Hipotipose

Figura 1: *Crepúsculo num rio brasileiro* (1876), de Giuseppe Leone Righini



Fonte: Google Arts & Culture

brooding melancholy that it never occurred to me that our doctor, who has travelled much, was other than a fellow with a dull Anglo-Saxon mind when he removed some loose property to his cabin and locked his door, before he went ashore. So I left my field glasses on the ice-chest; and that was the last I saw of them” (Tomlinson, 1982, p. 102).

Os desafios enfrentados para traduzir os fragmentos de *The Sea and the Jungle* foram muitos. Contrariamente aos textos traduzidos nos anos anteriores, nos quais os desafios foram da ordem da distância temporal, do preconceito exacerbado e do vocabulário científico; neste texto, lidamos também com a predominância de figuras de linguagem e do estranhamento, como teorizado por Chklovsky.

The Sea and the Jungle é um livro de viagem; contudo, não se pode dizer que seja apenas isso. De acordo com Pritchett (1982, p. xv), “Tomlinson’s manner is a mixture of the poetic, the Biblical and the scientific; he is all metaphor, yet he is all event and fact”. Além da metáfora citada por Pritchett, o texto de Tomlinson é rico, entre outros, em hipotipose.

A hipotipose, figura de pensamento que produz uma descrição vívida, como se o objeto da narrativa estivesse diante dos olhos, é o traço mais marcante do texto de Tomlinson e foi nosso maior desafio dada a riqueza de detalhe com que o autor caracterizava suas descrições, além do forte apelo do texto aos estímulos sensoriais do leitor, como veremos nos exemplos a seguir:

The Sea and the Jungle	O mar e a selva
Suddenly the sunrise ran a long band of glowing saffron over the shadow to port, and the vague summit became remarkable with a parapet of black filigree, crowns and fronds of palms and strange trees showing in rigid patterns of ebony. A faint air then moved from offshore as though under the impulse of the pouring light. It was heated and humid, and bore a curious odour, at once foreign and familiar, the smell of damp earth, but not of the earth I	De repente o nascer do sol deixou uma faixa extensa de açafrão luzente na sombra a bombordo, e o cume vago ficou notável com um parapeito de filigrana negra, coroas e frondes de palmeiras e árvores estranhas se mostrando em estampas rígidas de ébano. Uma leve brisa soprava das margens, como que sob o impulso da luz que se derramava. Estava quente e úmido, e exalava um odor curioso, ao mesmo tempo estranho e familiar, o cheiro de terra molhada, mas não da terra que eu conhecia ou da vege-

<p>knew, and of vegetation, but of vegetation exotic and wild. For a time it puzzled me that I knew the smell; and then I remembered where we had met before. It was in the palm house at Kew Gardens. At Kew that odour once made a deeper impression on me than the extraordinary vegetation itself, for as a boy I thought that I inhaled the very spirit of the tropics of which it was born.</p>	<p>tação, mas de vegetação exótica e selvagem. Por algum tempo, fiquei perplexo que eu conhecia o cheiro; e então me lembrei onde tínhamos nos conhecido. Tinha sido na Palm House (estufa de palmeiras) do jardim botânico de Kew. Em Kew, aquele odor deixou uma impressão mais profunda em mim do que a própria vegetação extraordinária; porque como uma criança eu pensava que inalava o próprio espírito dos trópicos em que nasceu. Depois do primeiro minuto no Rio Pará, aquele cheiro se foi, e nunca mais o senti.</p>
<p>The morning light brimmed at the forest top and spilled into the river. The channel filled with sunshine. There it was then. In the northern cliff I could see even the boughs and trunks; they were veins of silver in a mass of solid chrysolite. This forest had not the rounded and dull verdure of our own woods in midsummer, with deep bays of shadow. It was a sheer front, uniform, shadowless, and astonishingly vivid.</p>	<p>A luz do amanhecer transbordava na copa da floresta e derramava-se dentro do rio. O canal se enchia com o brilho do sol. Ali estava então. Nos penhascos da costa norte, eu podia ver até os galhos e troncos; eram veios prateados numa densa massa de crisólito. Essa floresta não tinha o verdor intenso e escuro de nossos próprios bosques no verão, com baías profundas de sombra. Era uma frente imensa, uniforme, sem sombra e surpreendentemente viva.</p>
<p>Occasionally the river narrowed, or we passed close to one wall, and then we could see the texture of the forest surface, the microstructure of the cliff, though we could never look into it for more than a few yards, except where, in some places, habitations were thrust into the base of the woods, as in lover</p>	<p>Ocasionalmente, o rio se estreitava, ou passávamos perto de um paredão e, em seguida, podíamos ver a textura da superfície da floresta, a microestrutura do penhasco, embora nunca pudéssemos enxergar dentro dela mais do que alguns metros, exceto onde, em alguns lugares, casas estavam incrustadas na mata, como cavernas mais baixas.</p>

<p>caverns. An exuberant wealth of forms built up that forest which was so featureless from a little distance. The numerous palms gave grace and life to the façade, for their plumes flung in noble arcs from tall and slender columns or sprayed directly from the ground in emerald fountains.</p>	<p>Uma riqueza exuberante de formas ergueu aquela floresta, que não muito distante ficava sem seus traços caraterísticos. As inúmeras palmeiras davam graça e vida à fachada, pois suas frondes pinadas se projetavam em arcos nobres de colunas altas, ou jorravam diretamente do solo em fontes de esmeralda.</p>
---	---

Fonte: Autores do artigo.

Passamos a algumas breves análises de procedimentos empregados pelo autor nas hipotiposes dos três trechos selecionados acima. O primeiro fragmento em destaque corresponde ao segundo parágrafo do primeiro contato com a floresta e com o Pará. O autor fica entre o deslumbramento e a apreensão diante das proporções da natureza do lugar. A descrição do céu, da luminosidade, da vegetação, das sombras, entre outros, é pormenorizada e delicada, seguindo um zelo e uma dedicação que se seguirá ao longo de toda a narrativa.

Como vimos nos trechos acima, um procedimento bastante comum no texto de Tomlinson é o autor fazer referência a sombras, nuances de luminosidade e de cor, como quem busca o tom certo, como quem está pintando um quadro, como em, “glowing saffron” [açafraão luzente]; “a parapet of black filigree” [um parapeito de filigrana negra] e “in rigid patterns of ebony” [em estampas rígidas de ébano]. Outras vezes as descrições são formadas por colocações inusitadas, tais como, “under the impulse of the pouring light” [sob sob o impulso da luz que se derramava], “The morning light brimmed at the forest top” [A luz do amanhecer transbordava a copa das árvores] [solo em fontes de esmeralda].

O terceiro e último aspecto que vale tratar é o apelo sensorial do texto. Veremos alguns exemplos nos fragmentos acima: “It was heated and humid, and bore a curious odour, at once foreign and familiar, the smell of damp earth” [Estava quente e úmido, e exala-

va um odor curioso, ao mesmo tempo estranho e familiar, o cheiro de terra úmida]; “In the northern cliff I could see even the boughs and trunks; they were veins of silver in a mass of solid chrysolite.” [Nos penhascos da costa norte, eu podia ver os galhos e troncos; eram como veios prateados numa densa massa de crisólito] e “we could see the texture of the forest surface” [podíamos ver a textura da superfície da floresta].

Conclusão

Na nossa tradução, buscamos manter a hipotipose empregada pelo autor por meio das características abordadas acima, a saber, a descrição como pintura, colocações inusitadas e apelo sensorial, resistindo à tentação de corrigir o texto ou torná-lo mais palatável ao leitor.

O relato de Tomlinson, apesar do preconceito, apresenta uma nova versão da Amazônia, uma versão literária, poética, razão pela qual foi escolhido para esta tradução comentada.

Agradecimentos

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Referências

Freitas, Luana Ferreira de & Nascimento, Kelvis Santiago do. “Notas à tradução de *A Voyage up the River Amazon Including a Residence in Pará*”. *Cadernos de Tradução*, 41(esp.1), p. 142-148, 2021. DOI: <https://10.5007/2175-7968.2021.e84947>

Freitas, Luana Ferreira de & François, Michel Emmanuel Félix. “Impressions of a nineteenth century traveller of Amazonia”. *Cadernos de Tradução*, 42(esp.1), p. 166-175, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2022.e90742>

Gondim, Neide. *A invenção da Amazônia*. Manaus: Editora Valer, 2007.

Guerini, Andréia; Torres, Marie Helene Catherine & Fernandes, José Guilherme. “Traduzindo a Amazônia I”. *Cadernos de Tradução*, 41(esp.1), 2021. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2021.e84962>

Guerini, Andréia; Torres, Marie Helene Catherine & Fernandes, José Guilherme. “Traduzindo a Amazônia II”. *Cadernos de Tradução*, 42(esp.1), 2022. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2022.e91851>

Pritchett, Victor S. “Introduction”. In: Tomlinson, Henry M. *The Sea and the Jungle*. Chicago: Time-Life Books, 1982.

Rodolpho, Melina. *Ékfrase e evidência nas letras latinas: doutrina e práxis*. São Paulo: USP, 2010.

Tomlinson, Henry M. *The Sea and the Jungle*. Chicago: Time-Life Books, 1982.

Recebido em: 09/09/2023

Aprovado em: 02/10/2023

Publicado em outubro de 2023

Luana Ferreira de Freitas. Fortaleza, Ceará, Brasil. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: luanafreitas.luana@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-0165-421X>.

Michel Emmanuel Félix François. Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: professormichel@yahoo.com.br. <https://orcid.org/0000-0001-5570-576X>.